



A superação do catastrofismo

O uso do termo “sustentável” para qualificar o desenvolvimento sempre exprimiu a esperança de que a humanidade poderá – sim – se relacionar com a biosfera, de modo a evitar os colapsos profetizados nos anos 1970

Com todo o respeito que merece o pioneirismo de grandes ecólogos sobre o que hoje se entende por “sustentabilidade”, é forçoso constatar que nos anos 1960-70 eles forjaram um discurso muito derrotista sobre a relação da humanidade com a biosfera, que só começou a ser superado nos anos 1980. A consagração do ideal de desenvolvimento sustentável exprime uma profunda confiança de que – sim – será possível chegar à governança do sistema Terra, por mais que ainda seja difícil se ter clareza sobre quais serão os caminhos.

Merece muita atenção o depoimento do físico quântico David Deutsch (Oxford) sobre sua experiência traumática, em 1971, no colegial, ao assistir a uma conferência do ecólogo Paul R. Ehrlich (1932-) intitulada “População, Recursos e Ambiente” **■**. Diz que provavelmente deve ter sido a primeira vez que ouviu o termo “*environment*”, e que, com certeza, nada o havia preparado para tão brutal demonstração de pessimismo (“*nothing had prepared me for such a bravura display of raw pessimism*”).

Segundo Ehrlich, da meia dúzia de catástrofes que já estavam na esquina, algumas não poderiam ser evitadas por já ser tarde demais, e todas estavam intimamente ligadas à superpopulação.

Deutsch também descreve em detalhes suas discussões com um colega de universidade que se inscrevera no então novo curso de graduação em ciência ambiental. Para esse amigo, o surgimento da televisão colorida era não apenas um sinal do colapso iminente da “sociedade de consumo”, mas um exemplo de fenômeno muito mais amplo e profundo, pertinente a muitas outras áreas tecnológicas: os limites “finais” estariam sendo tocados. Tudo o que parecia pro-



gresso era, para esse colega, uma corrida insana pela exploração dos últimos recursos que haviam sobrado no planeta. Tinha certeza de que os anos 1970 seriam um momento terrível e único da história humana.

Quarenta anos depois, o premiado físico usa essas recordações para contrastar as duas únicas concepções do mundo que lhe parecem possíveis. A otimista, que se comprovou correta, diz que os humanos são solucionadores de problemas. A pessimista, ao contrário, afirma que essa capacidade de resolver um problema criando o próximo é, na verdade, uma doença para a qual a sustentabilidade seria a cura.

Ora, é irônico que Deutsch ignore que a principal revista dedicada à temática da sustentabilidade tem por título justamente *Solutions*, e que seus principais editores são chamados de “*solutionaries*” (thesolutionsjournal.com). Essa ignorância só pode decorrer de sua estranha crença de que o verbo “sustentar” só tenha dois significados, quase opostos: garantir o que se necessita, e evitar/im-

pedir que as coisas mudem (“*to provide someone with what they need, and to prevent things from changing*”, p. 441).

Mais grave, contudo, é seu erro de avaliação histórica. Nos 35 anos passados desde que começou a inspirar a estratégia mundial de conservação (IUCN-Unep-WWF, 1980), ou mesmo uma nova utopia política (Lester Brown, 1981), o projeto de desenvolvimento sustentável e o valor sustentabilidade não cessaram de ganhar força social, como indica o atual debate sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que a Assembleia Geral da ONU deverá adotar para substituir os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), no âmbito do que foi batizado de Agenda Pós-2015.

Por isso, chega a ser assustadoramente ingênuo o reducionismo que pretende abordar o problema pelo seu lado semântico, como faz Deutsch. Mesmo que a noção de sustentabilidade refletisse uma visão de mundo pessimista – o que é simplesmente falso –, é incrível que ele possa ignorar, ou desprezar, a relevância política do processo de superação cognitiva do catastrofismo dos pioneiros, cujos expoentes foram Garrett Hardin (1915-2003) e Paul R. Ehrlich.

O uso do termo “sustentável” para qualificar o desenvolvimento sempre exprimiu a possibilidade e a esperança de que a humanidade poderá – sim – se relacionar com a biosfera de modo a evitar os colapsos profetizados nos anos 1970.

Sustentabilidade é uma noção incompatível com a ideia de que o desastre só estaria sendo adiado, ou com qualquer tipo de dúvida sobre a real possibilidade do progresso da humanidade. Em seu âmago está uma visão de mundo dinâmica, na qual transformação e adaptação são inevitáveis, mas dependem de elevada consciência, sóbria precaução e muita responsabilidade diante dos riscos e, principalmente, das incertezas.

■ DEUTSCH, David. *The Beginning of Infinity; Explanations That Transform the World*. Penguin Books: 2011, p. 431.